ANO 3.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 1923 N.º 657

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

A ESTREIA de um autor dramatico não é um acontecimento de arte tão vulgar como a estreia de um poeta ou de um romancista. Tem muito mais responsabilidade. Muito mais importancia. Um autor dramatico não se pode estreiar com uma futilidade em verso ou um disparate em prosa. O seu trabalho tem de ser logo qualquer coisa de solido, ainda que de imperfeito. Depois—nesta epoca em que autores e criticos fazem jogos florais de dize tu, direi eu, com espirito bastante, graças a Deus—um autor já sabe que não conta com uma espectativa benevola, como fazem as oposições aos governos simpaticos. O publico—o grande critico, não é?—esse não quere saber da estreia. E' uma peça—isso basta-lhe. Por isso dizemos que a estreia de um autor, para quem se interessa por teatro e arte feita de pensamento e de belesa—pode ser um acontecimento.

Depois de amanhã ha no Politeama uma peça nova, de dois autores novos: o nosso querido camarada Norberto Lopes e o sr. Chianca de Garcia. A peça chama-se «Filha de Lazaro», e dela só sabemos que é uma escrupulosa e delicada manifestação de teatro. Mas não apenas porque os autores são nossos amigos, mas especialmente porque nós somos amigos do teatro português, desejamos que o publico receba o novo original com interesse, e que ele obtenha da critica uma consagração, não de elogio, mas de respeito.

* * *

DE vez em quando, nós queixamo-nos de que escasseiam homens em Portugal para os cargos e missões de alta responsabilidade.

A's vezes, porêm, existem os homens, mas uma certa miopia, ao serviço da inveja, impede que ascendam ao posto que lhes compete. Parece-nos que não podemos citar exemplo mais tipico do que o do ilustre maestro Francisco de Lacerda.

Como o sr. ministro da Instrução não tem tempo, graças aos seus muitos afazeres, de conhecer o merito de todos os individuos que podem ser elementos dos mais valiosos na nossa cultura musical, ousamos falar-lhe dele, não obstante sabermos que o antigo professor do nosso Conservatorio não levará a bem o nosso gesto.

* * *

NAO sabemos se é verdadeira a noticia que vem nos jornais da manhã, ácêrca de dois agentes da Investigação que teriam feito a apologia do assassinio do sr. Adolfo Viana.

Caso, porém, o seja, não há razão para clamores, sendo preferivel que cada um de nós tome conta nas palavras imprudentes que profere, a vêr se assim é facil apurar onde acabam as liberdades da policia.

* * *

O SEGUNDO numero da revista colonial —*Angola*—recomenda-se, sobretudo, pela riquesa das informações ácêrca dos recursos da provincia que o alto comissario, sr. Norton de Matos, está fazendo entrar numa fase de progresso e actividade, digna de todos os elogios.

* * *

ENCONTRA-SE á venda e em distribuição o ultimo numero da Revista Militar, que é todo de homenagem ao general Morais Sarmento. Além dos formosos discursos deste ilustre militar e do professor Mendes Leal, publica as mensagens das escolas de guerra —uma das quais, redigida pelo coronel Mario de Campos, tem um alto relevo literario.

O nome português

Nós temos descurado, lastimavelmente, o prestigio do nosso nome, deixando que a ignorancia dos estrangeiros se aproveite de más informações e boatos tendenciosos, para nos desfigurar em muitos dos aspectos da nossa existencia.

E' necessario que a verdade conquiste os seus direitos, porque o nosso país, á medida que for conhecido, ir-se-ha impondo á admiração de todos os que, lá fóra, preferem entender-se com realidades e certesas e não com mentiras ou atoardas.

Muita gente, entre nós, imagina, na sua simplicidade, que Portugal pode viver, dentro das suas fronteiras, sem se incomodar com o que os outros pensem ou digam a nosso respeito.

Esta suposição, que mesmo alguns dos nossos politicos têm perfilhado, foi já para nós motivo não só de danos morais, mas até materiais.

Necessitamos reduzi-la ás suas verdadeiras proporções, mostrando que, em vez de favorecer o nosso instinto de conservação, lhe é absolutamente desfavoravel.

Portugal carece de estar em contacto permanente com os outros povos, visto que até a indole da sua historia o convida a não se isolar, entregue ao morbido prazer de uma *apagada e vil tristesa*.

Ha portugueses, que se julgam cultos e educados, os quais entendem que lhes fica bem adotar uma atitude desdenhosa, em relação ás coisas nacionais.

São os que dizem que Marrocos tem na peninsula hispanica um pseudonimo, que é Portugal, denegrindo tudo quanto é nosso, só para se darem ares de grandes senhores, fartos de civilisação e fortes na erudição do Bacdeker, Larousse e outros mestres.

Em Paris, por exemplo, encontram-se alguns destes *gourmets* que só apreciam a Europa e o seu luxo capitoso, quando se convencem, megalomonicamente, que o seu paladar e o seu gosto não se ressentem das migas do torrão natal.

Que dirão eles, ao saberem que dois aviadores portugueses—os mais notaveis de toda a terra—vão receber da França o testemunho de consideração e aplauso que bem merecem pelo seu feito assombroso?

Como pessoas que se esmeram na arte de explicar factos simples por causas misteriosas e confusas, talvez eles digam que Gago Coutinho e Sacadura Cabral, se realisaram a travessia do Atlantico, beneficiaram simplesmente dos favores da sorte—tanto lhes custa admitir que a raça portuguesa seja uma das primeiras em marcar o seu logar nas lutas pela civilisação.

NA AMADORA

Os aviadores tomando uma ligeira refeição antes da partida.

(Cliché de Arnaldo Garcez, tirado expressamente para o Diario de Lisboa)

PARTIU hoje de manhã para Paris, no Súd-Express, madame Lucie Delarue Mardrus, cujo compartimento ia cheio de flores—rosas: cravos, gladiolos, «bougainville» etc. A sua comoção era visivel. Não se cançou de dizer: —«Hei de voltar... hei de voltar!»

Entre as muitas pessoas que lhe foram apresentar as suas despedidas, notavam-se os srs. ministro dos Estrangeiros, encarregados negocios da França, dr. Barbosa de Magalhães, dr. João de Barros, dr. Azevedo Neves, Costas Nearchos, consul geral da Grecia, Eduardo Burnay, Pedro Bordalo Pinheiro e dr. Joaquim Manso.

No mesmo comboio seguiram tambem com igual destino a sr.ª D. Olga de Morais Sarmento, que teve uma despedida muito afectuosa, e dr. José Pontes.

* * *

PROJETA-SE uma grande manifestação nacional a Camões, no dia 10 de junho, promovida por alguns homens notaveis—como Teofilo Braga, Magalhães Lima, Santos Lucas, Gago Coutinho, Azevedo e Silva e Virgilio Conceição Silva.

Camões é notoriamente autor dum livro que fala das nossas glorias passadas. A' força de o não lermos ou de o lermos sem o entender, tornamo-lo num artigo de retorica, e deploravel, por sinal.

Se os promotores da manifestação teem em vista levar o povo e os letrados ao culto de Camões, como mestre vital e profetico da raça, muito bem.

Para isso devem fazer calar os discursadores que em tudo acham pretexto para aturdir o publico.

* * *

A POLICIA de investigação procede a diligencias mui cautelosas para descobrir um bando numeroso de fabricantes e passadores de cedulas falsas, havendo já efectuado algumas prisões.

Nunca o dinheiro valeu tão pouco, devendo a sua falsificação ser *negocio* de pouca monta.

Contra o que era de supor, a desvalorização da moeda incita ao seu fabrico criminoso.

Os individuos que assim fazem concorrencia á Casa da Moeda e ao Banco de Portugal talvez julguem que avançam clandestinamente para a fortuna, quando a verdade é que caminham matematicamente para a ruina e para a prisão.

* * *

O dr. Trindade Coelho, actual director de *A Patria*, conformando-se, apesar de não haver dado autorisação para isso, com que o seu nome figure entre o dos antigos discipulos do dr. Teixcira de Abreu que justamente pedem a reintegração deste, na Faculdade de Direito de Coimbra, mostrou que tem uma alma nobre, incapaz de deixar-se arrastar por quaisquer resentimentos—mesmo quando estes têm origem num drama pungentissimo que despedaçou o seu coração de filho.

* * *

O sr. dr. Jaime Cortezão realisa hoje, ás 9 horas e meia da noite, na Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre *O Palacio Mundial de Bruxelas e a representação de Portugal.*

* * *

ABRE ámanhã para o publico, no Salão da Ilustração Portuguesa, a exposição de pintura de Eduardo Malta, moço artista cheio de talento, que o futuro consagrará. E' promovida pela revista *Contemporanea.*

A musica

Audição Marcos Garin

Com bastante concorrencia de publico realizou-se no sabado á noite, no Salão do Conservatorio, a primeira das três audições em que este conhecido professor de piano costuma anualmente apresentar os seus discipulos. Apesar de pertencerem ao numero dos mais atrazados da escola do sr. Marcos Garin, houveram-se todos no geral com muita correcção, fazendo-se até alguns notar como verdadeiros talentos, tendo prestado com muito brilho o seu concurso nesta audição de principiantes, as já avançadas alunas Maria Luisa Schiapa Viana, com o 3.º *Scherzo*, de Balakirieff, Maria Florinda Santos, com a *Rapsodia* n.º 11, de Liszt, e Maria Luisa Garin, filha do organisador desta festa, com a n.º 12, com que fechou a audição.

Todos os alunos foram muito aplaudidos, com especialidade das três citadas, em que o publico consagrou uma vez mais as suas já reconhecidas qualidades de talento.

Oliva Guerra

Festival hespanhol

Cada vez é maior o interesse despertado pela espectativa do festival de musica hespanhola organisado pela insigne artista amadora sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, o qual se realisa definitivamente na proxima sexta feira, dia 1, no teatro S. Luis. Alem da conferencia que Conrado del Campo, o ilustre compositor e musicologo hespanhol vem propositadamente de Madrid realisar, ha um *orfeon* de centos e tantas figuras, a maior parte recrutadas entre as meninas e rapazes da nossa primeira sociedade e ensaiado pelo notabilissimo artista Antonio Joyce que tem realisado verdadeiros prodigios neste empreendimento. Esse *orfeon* é esperado como um verdadeiro acontecimento, bem como os varios sólos e numeros de conjunto em que figuram nomes dos mais ilustres do nosso meio artistico, como o da ilustre promotora desta encantadora festa, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Adelaide Lima Cruz, D. Alice e D. Amelia Rey Colaço, D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho, D. Ema Romero Santos Fonseca, René Bohet, e Thomaz Téran.

Deverá ser emfim uma festa formosissima a pôr no nosso ambiente banal e desgracioso a nota encantadora dum gesto de beleza, dos muitos que andam ligados ao nome, consagrado já neste campo, da sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso. O produto reverte para as obras de beneficencia de madame Carmen Padilla, esposa do sr. ministro de Hespanha e para as escolas para raparigas pobres da presidenciada da sr.ª condessa de Sabugosa, e os poucos bilhetes que restam encontram-se já á venda na bilheteira do teatro.

LAXEOL
O unico producto que cura todas as doenças intestinaes
Lab. Farm. Internacional -- R. DO OURO, 228

CINEMA CONDES

Estreia-se hoje a ultima jornada do «Othelo»

A «matinée» e a noite de hoje no Condes vão ficar assinaladas pela estreia da 2.ª e ultima parte do «Othelo», a admiravel adaptação cinematografica da imortal tragedia de Shakspeare. O programa de hoje, sob todos os aspectos magnifico, insere tambem o belo «film» de arte «Flôr do mal», em 5 partes, a «Corrida real de Madrid» com os espadas Gallo e Belmonte, a engraçadissima comedia burlesca do popular cão «Piloto» «Dois camaradas», etc.

Sexta-feira estreia de um novo «film» de arte pela Bertini, «Acima da lei» e para breve «Os parias do amor», cine-romance em 7 episodios.

TEATRO AVENIDA
VEJAM TODOS
MADALENA ARREPENDIDA
Formidavel sucesso da
COMPANHIA AURA ABRANCHES
na opinião do publico e da imprensa

EDEN-TEATRO
HOJE, terça-feira — Ultimas representações
2 ESPECTACULOS A's 8 1/2 e 10 1/2
em sessões da revista de exito enorme
O 31
A'manhã — Festa dedicada ao empresario ANTONIO MACEDO — Espectaculo inteiro: A's 20, a revista «31» completa — O quadro Fitas Faladas da revista «Tiro ao Alvo» — Um grandioso acto de CABARET, ect.

A ALMA DA NOSSA TERRA

A TROUPE «PORTUGALIA»

vai interpretar no estrangeiro

com os nossos cantares e o nosso «folk-lore»

o lirismo da nossa raça

O Diario de Lisboa, *que algumas iniciativas tem acompanhado e que, mercê da simpatia dos seus leitores tem conseguido fazer vingar nestas colunas ideias e factos que não lograriam exito por esquecidas ou menosprezadas, tem hoje um prazer infinito revelando ao publico o triunfo obtido, na primeira cida de hespanhola onde fez a sua estreia, pela «Troupe Portugalia», da direcção e organização do conhecido emprezario Augusto Gomes, nosso compatriota e homem de acção inteligente e arrojada, tendo como seu colaborador artistico o não menos distinto homem de teatro Augusto Soares, para o qual não ha segredos. A «Troupe Portugalia», que o nosso jornal teve a honra de propagar, em face dos seus intuitos patrioticos e artisticos, revelando, neste mesmo logar, o seu programa atraente, a que não faltava audacia, beleza e um grande cunho de sinceridade para, honestamente, se mostrar lá fora, constituida exclusivamente por artistas portugueses, com coisas e revelações de Arte só de portugueses, estreou-se, sob o patrocinio particular — sem auxilios oficiais, sem protecções vindas do alto — ao nosso consul, na linda cidade galega Vigo,—na passada quinta-feira, no Teatro Odeon, entre o maior e o mais vibrante entusiasmo do publico. E, porque assim foi, porque se nos impõe o dever de o dizer com satisfação, sentindo bem patrioticamente esse triunfo para a nossa terra, vamos reproduzir os artigos dos dois principais diarios de Vigo, mesmo na lingua de Cervantes, para lhe não roubarmos o sabor e o pitoresco.* O Faro de Vigo, *num artigo, a uma coluna, com o titulo:* La Troupe Portugalia — Su debut — Grandioso éxito de los artistas lusitanos—*diz o seguinte:*

Como augurábamos en números anteriores, obtuvo un éxito rotundo, definitivo la troupe lusitana «Portugalia», entidad lirica compuesta por los más afamados artistas de la vecina república. Desde el primer momento la troupe «Portugalia» se captó las simpatias de la numerosa y distinguida concurrencia que assistió á su «debut», recibiendo todos los artistas frecuentes, merecidisimas y espontáneas ovaciones como premio á su exquisita labor.

Maria Laura, Maria Alves e Idalina López, bellas y notabilisimas cantantes merecieron del concurso el homenaje de sinceros aplausos por el arte que demonstraron en los números que interpretaron. Elvira Costa, cantante de prodigiosas facultades lucio su voz potente y bien timbrada haciendo alarde de sus excepcionales condiciones, cosechando muchisimos aplausos. Aurora de Lencastre, la monisima tiple, que á una gentil figura con una voz encantadora, de deliciosos matices, subyugó al público por su belleza peregrina y su arte, recibiendo grandes ovaciones al final de su delicado trabajo. José Morais y Manuel Rocha, dos excelentes actores y cantantes consolidaron el altisimo prestigio de que venian precedidos, siendo su labor muy celebrada.

El maestro Alves Coelho, inspirado compositor y notabilisimo director, al frente de la orquesta consiguió un triunfo tan resonante como el de todos los artistas de la magnifica troupe «Portugalia». Augusto Soares, el simpático y graciosisimo director artistico de la troupe, tuvo durante las funciones rasgos humoristicos que fueron celebradisimos.

El decorado exhibido llamó extraordinariamente la atención, como igualmente el lujoso y tipico vestuario que presentaron los aplaudidos artistas. Gustó muchisimo la proyección de una «film» panorámica reproduciendo los más encantadores y pintorescos aspectos de Portugal y sus monumentos históricos.

En suma: Un éxito sin precedentes para todos.

O outro jornal, Galicia, *não menos importante que o primeiro, ambos de grande circulação, diz, com o titulo a duas colunas, na primeira das suas oito paginas,* El alma Lusitana—Interpretada por «Portugalia», *o seguinte:*

Es un acierto supremo la constitucion de la «Troupe Portugalia». Y lo es, especialmente, porque a essa agrupación artistica le ha sido otorgada la misión de difundir mundo adelante el alma portuguesa, tan rica en matices, tan caracteristica, tan singular, tan lirica y tan saudosa.

«Portugalia» sale del solar nobilisimo de Viriato a dar a las gentes el regalo del alma de un pueblo. Y se lo da en forma que no admite engaño, en la única forma en que es imposible la supercheria: expresándole el arte tipico, el arte puro del gran pueblo lusitano, aderezado para el gusto de las gentes de ahora con todos los requilorios que demanda la escena de los tiempos presentes.

La impresión que «Portugalia» ha producido al numeroso y escogido púublico que ayer acudió al Odeón ha sido excelente. La escena, con decoraciones de un verismo definitivo, el vestuario de tanta riqueza como verdad y el valor artistico de las actrices y los actores que forman el clenco justifican bien la magna acogida del auditorio.

El «folk-lore» portugués, urdido con canciones de profunda sentimentalidad y rebosantes de saudade, ha sido expresado de maravillosa manera y el público lo ha gustado con suprema fruición. Los cantos del Minho, impregnados de ternura y de sentimento; los cantores de las sierras bravas; los fados—alma popular em ritmo—las escenas liricas urdidas en el cañamazo de la vida lusitana... todos los números interpretados por «Portugalia» son—y asi lo reconoció el público—arte depurado, arte exquisito, arte de gran belleza. Los artistas que cantan y que hilan los cuadros escénicos son simplemente admirables.

Elvira Costa es una cantante de alma. Emite las notas con naturalidad y limpieza absolutas. Además es una gran mimica y su gesto y su ademán responden en todo instante a la situación del personaje que encarna. Aurora de Lencastre es también una estupenda artista lirica. Su voz es de un timbre limpio y su dicción magnifica. Maria Laura y Maria Alves, son dos tiples ligeras que cantam bien y que possen el encanto de la gracia fina y la corrección elegante en el cantar y en el decir. José Moraes es un buen baritono en toda la extensión de la palabra y a la vez un actor completo. Manuel Rocho merece tambien, por su voz, su escuela de canto y sus facultades escénicas, un fervoroso aplauso.

Regidos estos artistas de altos merecimentos por un «metteur-en-scene» de la portentosa valia de Augusto Soares, considerado como uno de los primeros directores escénicos de Portugal, su obra resulta acabada. La orquesta obedece a la batuta magistral de Alves Coelho, un compositor que cuenta sus producciones liricas por triunfos y que tiene en Portugal y en España un gran núcleo de admiradores. Para todos individualmente y para el conjunto tuvo el auditorio clamorosas ovaciones, que se repetirán hoy, al presentar «Portugalia» nuevos y escogidos numeros de su repertorio.—*M. de F.*

Acrescente-se, porque a justiça nos impõe dize-lo, que o empreario Augusto Gomes, tendo associado a esta empresa alguns dos artistas da «Portugalia», gastou até á hora da sua entrada em Vigo, exclusivamente ao seu bolso, o melhor de 80 contos, saindo de Portugal sem que, apesar de solicitadas, as instancias superiores se tivessem dado ao incomodo, sequer, de verem o que era a já reputada Troupe «Portugalia», *mas cuja reputação foi necessario ir colhêr lá fora — felizmente com tamanho ruido para o nosso país e tanta emoção para a nossa alma de patriotas.*

No ultimo sabado, 26, após o espectaculo no Odeon, a Troupe «Portugalia», depois de um amabilissimo convite, foi obsequiada com uma linda festa, promovida por um grupo de senhoras da melhor sociedade de Vigo e da mais alta aristocracia. O sarau teve lugar no Club Tertulia, o mais rico da cidade, tendo-se servido um elegante chá, seguido de baile, que durou até á madrugada. Foi a primeira vez que semelhante convite feito a artistas de teatro, quer nacionais ou estrangeiros, porquanto o referido Club é apenas frequentado pela melhor aristocracia, corpo consular e elemento militar. Esta demonstração de afecto constituiu uma honra para Portugal, o que os nossos compatriotas sentiram muito sensibilisadamente. A troupe «Portugalia» estreia-se ámanhã no teatro Pradera, em Valladolid.

Nobre Martins

OBJECTOS ANTIGOS E MODERNOS
Compra-se, vende-se e troca-se com especialidade moveis, louças, quadros a oleo, gravuras, etc. Antes de fazer qualquer transacção escrever um postal a **Antonio Pedro da Silva, Praça Luiz de Camões, 40, esquina da Rua das Gaveas,** telefone C. n.º 1096, antigo estabelecimento de Antiguidades e Joias, ouro e pratas em segunda mão.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74. RUA DO CARMO. 74

MAQUINAS DE ESCREVER
ACESSORIOS E REPARAÇÕES GARANTIDAS
DUPLICADORES E MÁQUINAS DE CALCULAR
Telefone N. 3158 Oliver, Lim. R. Prata, 250, 2.º

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Casamentos

Ha dias realisou-se o casamento da senhora D. Maria de Lancastre (Louzã), interessante filha dos falecidos condes da Louzã, com o sr. Augusto Cardoso Pinto, filho da senhora D. Amelia Cardoso Pinto e do sr. dr. Clemente Pinto, tendo servido de madrinhas as senhoras condessas da Louzã e de Idanha-a Nova e de padrinhos os srs. condes da Louzã e de Idanha-a-Nova.

A cerimonia religiosa efectuou se na capela do antigo palacio Azambuja, em Palhavã, hoje propriedade da legação de Hespanha. Finda esta, foi servido na elegante residencia dos srs. condes da Louzã, na Avenida Antonio Augusto de Aguiar, um finissimo lanche.

Os noivos seguiram depois para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» viam-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Baptisados

Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, realisou-se ha dias o baptisado do segundo filhinho da sr.ª D. Maria Francisca de Albuquerque da Camara de Sá Nogueira e do sr. Francisco de Albuquerque de Sá Nogueira, tendo recebido a gentil creança o nome de Luiz Ayres.

—Realisou-se ontem na paroquial igreja de S. Sebastião o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Maria Eugenia Duff Burnay de Carvalhosa e Oliveira e do nosso querido amigo sr. João Carlos de Carvalhosa e Oliveira, o qual recebeu o nome de Frederico Alberto.

A caridade

«O Casal de Margarida»

Começa amanhã, na casa Sassetti, a entrega dos bilhetes marcados para a «elegantissima recita de caridade que se realisa no teatro Nacional na noite de segunda-feira proxima, na qual se representarão por distintos amadores, além dos grandes exitos da ultima recita de caridade do S. Luis, a linda peça franceza «Quand l'atout est cœur» e a encantadora opereta «O casal de Margarida» e, pela primeira vez, a magnifica peça em 1 acto, do dr. Julio Dantas, «Rosas de todo o ano».

Hoje temos a noticiar outra novidade, que, depois da recita, haverá baile no salão nobre, por convites, que serão destinados ás pessoas que assistirem ao espectaculo.

Nos salões

No dia 26 do corrente ofereceram na sua elegante residencia a sr.ª D. Cristina Capper Alves de Sousa, distincta pintora brasileira, que ultimamente expoz com grande exito na Sociedade Nacional de Belas Artes e seu marido o sr. Alves de Sousa, uma esplendida festa para festejar o aniversario natalicio de seus filhos D. Dulce e Mario, a qual decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria, tendo-se dançado sem interrupção até de madrugada.

Nessa noite, tanto as vastas salas como os esplendidos jardins que se encontravam lindamente iluminados á «veneziana», ofereciam um aspecto verdadeiramente encantador.

Os donos da casa e seus filhos foram incansaveis de amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Pontos de reunião

Agenda

A'manhã a nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse e á noite no Coliseu, festa artistica da gentil actriz Ester Leão, com a 1.ª representação do novo original português com que fazem a sua estreia os dois novos escritores teatrais Chianca de Garcia e o nosso colega de redacção Norberto Lopes, intitulada «A Filha de Lazaro», no São Luiz, recita extraordinaria com a ultima da linda opereta «A Viuva Alegre» e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Em viagem

Como noticiámos partiu para Paris, donde seguirá para Londres, o sr. dr. Arlindo Correia Leite, que teve na «gare» do Rocio uma afectuosa despedida.

— Partiu para Londres, com sua filha o sr. Alberto de Sousa Rego.

TEATRO S. CARLOS
Tel. C. 5063. Sabado 2 e Quarta-feira 6 de junho 2 unicos concertos pela
FILARMONICA DE LIRBOA
Grande orquestra portuguesa de 85 executantes, composta dos melhores elementos da capital (Secção musical do grupo «Pró Arte») sob a direcção artistica e regencia do maestro português **Francisco de Lacerda,** com a colaboração no 2.º concerto da celebre violoncelista portuguesa **Guilhermina Suggia.**
Está aberta desde hoje, das 14 ás 19 horas, até 1 de junho, a assinatura livre de compromissos de preferencias e marcações.
Preços da assinatura: Cadeira 30$, friza ou camarote de 1.ª 180$, camarote de 2.ª 140$, camarote de 3. 100$, torrinha 80$. Nestes preços ha uma redução de cêrca de 30 0|0 sobro os preços avulso.

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO LAGUE, 2, 1.º (Junto ao Rocio).

OURO PRATA E JOIAS
COM SAFIRAS, DIAMANTES E BRILHANTES
Só vende mais BARATO
o Correia & Moura, Lt.a
RUA DE S. PAULO, 186
Proximo á Casa da Moeda

A' MARGEM DUM MANIFESTO

A critica e os dramaturgos

O QUE TEM SIDO

A ULTIMA TEMPORADA TEATRAL

e a campanha que é preciso levantar contra os falsos homens de teatro

Quatro dramaturgos que a critica ergueu e elevou acabam de assinar um manifesto contra a critica.

Este caso picaresco, de pretenso ugolinismo literario, merece ser estudado e apreciado largamente.

Ha em Portugal a mania de sempre se responsabilisar alguem pelos nossos males. Vivemos de aparencias, não de realidades. Quem quere comprar talento, vai á imprensa. A imprensa até hoje, tem servido, aos dramaturgos, sem lhes mandar a conta a casa, para a inserção de noticias louvaminheiras, retrato em dia de festa artistica, entrevista, tudo.

E quando a imprensa abre os braços aos nossos autores dramaticos, consentindo o *talentoso*, o *ilustre*, o *conceituado*, toda a adjectivação mascavada e podre, á força de repetida nas suas colunas, são os mesmos autores dramaticos que a pretendem decapitar, obrigando-a ao *crês ou morres* da critica absoluta, elogiosa e perfeita, de perfeitas, autenticas, incontestaveis negações de teatro.

Falha a peça; os actores representam mal; o publico está inquieto; o dramaturgo estafou o assunto; não há *mise-en-scènes* — e a quem se atribui todos estes defeitos, insucessos e naufragios? A' critica, meus senhores. A esta critica que eu venho defender com o mesmo arrojo e a mesma veemencia, com que se defende a honra. Neste caso, a minha pena é uma espada.

Implica a dignidade de varios homens negar o que eles afirmaram. Se os criticos, a proposito duma peça, que ainda vê luz de scena, quando não devia vir á luz, condenaram por varios modos, em varios tons, uns, com bravura, sinceridade e coragem, outros com ponderação, equilibrio e raciocinio — condenaram, dizia, essa peça, não ha direito de vir afirmar em publico, que essas creaturas têm mal *rebuçados intuitos* ou *incompreensiveis objectivos*.

Venho fazer a defeza da critica, da critica que tem nomes, como Avelino de Almeida, José Sarmento e outros, cujo passado jornalistico tem clarões de grandeza e paginas de forte impulso, onde jorram e vivem belas parcelas da lingua portuguesa e fortes motivos literarios, passado esse que se afirmou, quando ainda não existiam as produções teatrais de três dos signatarios do manifesto que estamos julgando. Não sou pelos passados eruditos, que dão, como é vulgar dizer-se, a experiencia e a noção da cultura, facil de estenografar no cerebro dos papagaios e dos idiotas, o que sómente prejudica as facilidades de creação e de inspiração. Mas cito-os aqui para que, aqueles que exigem aos criticos certidão de idade, condição *sine qua-non* para se ser inteligente, e tenham um *Larousse* de citações que apenas revelam ataxia espiritual, saibam que três subscritores do manifesto, são valores já admirados pela critica, apezar de novos... de trinta anos para cima.

Mas não particularisemos o assunto. Passemos ao largo campo do pensamento, onde as ideias têm a grandeza dos simbolos e as pessoas a mesquinhês dos leucocitos.

A critica é um produto de teatro. O teatro, velho vidro de aumento desse titan bracejando no Infinito com Deus, que se chamou Vitor Hugo,—é um produto da vida. Se a critica, concedemos, é má, é porque o teatro é pessimo. Este é a arvore, aquela é o ramo. E se o ramo está seco, é por que já não correm no parenchima as seivas revigoradoras da Primavera em busca de sol, nos beijos das flôres.

Uma peça vive, como todas as obras d'arte, por si mesma. E' independente, astro creado num instante, e que vai, em vagalume, buscar a orbita da sagração das plateias. O nome do seu autor para o publico, nada é. O que ele quere vêr e sentir, decorar e amar, é a peça. Não ha, pois, pessoalismos, academias a derrubar, nomes a azorragar, politicas a combater, atitudes d'odio.

Preparou sempre a critica os grandes adventos do espirito e da inteligencia. E cito: Lutero foi um critico — creou uma igreja, e regenerou outra; Savanorola foi a alma profunda, garganta onde se condensou e subiu a mais bela vida da Renascença italiana; Renan fez um seculo; Voltaire destruiu outro. Criticos foram os romanticos, e mais tarde estes cairam sobre o golpe de outros criticos, os realistas. São as formas, as escolas, os processos, e as tendencias e as aspirações que se renovam pela critica, motu continuo da beleza. A obra de arte cristaliza num minuto o mais viril grito humano. Mesmo a forma é inanimada. A critica que, como disse Wilde, nada aceita como definitivo, é fluxo constante que sugere, emociona, vibratilisa, cria, repito, cria beleza.

A arte, eternisa-a; a critica, renova-a.

Digamos: A nossa modalidade literaria, não é o teatro; é a poesia. O maior dramaturgo contemporaneo é mais pequeno que o nosso mais pequeno poeta. De onde a onde revelações ocasionais.

O genio francês, sim, tem uma fórma: o teatro. Toda a sua literatura classica, é dramatica. Reparem nas obras de Racine, de Voltaire, de Molière, de Beaumarchais, de Corneile. Nós que absorvemos tudo da França, a poesia, Verlaine, Baudelaire; o romance, Hugo, Zola, Flaubert; que descemos á contrafacção, não absorvemos, porque não podemos, o seu teatro. O motivo? Somos um povo de contemplação, não de acção.

Onde estão as nossas escolas e a nossa sequencia teatral? Qual é a orienteção, a caracteristica, onde toca, onde vive, onde sofre, o nosso teatro? De que alma é feita a sua alma? De que lagrima? De que dôr? De que riso? Respondam!

A França, é o teatro; assim como a Italia é o canto e foi a arte plastica; e a Alemanha é a musica; e a Inglaterra o raciocinio; e Portugal a poesia, que chegou á epopeia!

A França tem escolas. E' o teatro psicologico com Bataille; é o teatro de tése com Brieux; é o teatro de poesia, sua pluma de cavaleiro com Rostand; é o teatro de realismo com Bernstein; é o teatro de graça boulevardeira com Flers e Porto Riche.

A tantas escolas, que opômos nós? Outras escolas? Não! Quando muito alguns cadaveres: Marcelino e João da Camara. E' então, nesta falta de ausencia de literatura teatral, duma tendencia, pelo menos, que se pregunta onde estão os Fialhos, os Silva Pinto, os Brás Burity?

Ah! meus senhores, vivessem ainda os primeiros e congregassem os dramaturgos, como é costume, todos os amigos na *première*, com palmas dobradas, que aquele galinheiro, tão elogiado por Fialho teria o desassombro de patear, cuspir e vaiar certos jantares mal feitos em quatro pratos, que nós temos comido e elogiado, com a esperança ilusoria que o cosinheiro, ainda venha a aprender os simplices da culinaria.

Querem a generosidade da critica dizem. Este pedido é a prova cabal de uma impotencia literaria que teme a luz forte, brutal e esplendida da dissecação e da anélise. Combatem com uma mão, mas pedem esmola com outra. Implora-se que os originais portugueses sejam vistos duma forma menos concreta do que as traduções. Com que direito? Em arte, não ha nações, não ha patriotismos, não ha signas. A linguagem da beleza é falada por todos os povos, é como o céu, não se divide quando acaba um país.

Nós ainda estamos a criticar a maneira de fazer dos nossos dramaturgos, quando, como lá fóra, deveriamos apenas discutir a ideia, a tése ou o conflito que se põe em scena.

Isto é, nós ainda estamos a pedir que os dramaturgos saibam falar, quando apenas lhes deviamos exigir que soubessem escrever. Escrever é saber dinamisar o assunto. Uma peça tem que ser geometricamente traçada, a compasso e a tira-linhas, com frieza. É um problema de algebra mental. A acção liga o grosso publico ao autor; a ideia cinge-o á plateia inteligente. É por isso que muitas peças francesas são mal recebidas pela critica e levadas á senectude do centenario pelo povo. Essas peças podem não ter boa tese, serem imorais, inverterem os caracteres, folhetins, fitas cinematograficas aos pedaços, mas têm sempre acção, movimento, vida — vencem, portanto.

E já que falei do povo, esse povo, para quem se inventou a *tôrre de marfim*, deixem-me que o defenda tambem. Acusam-no, com mais ou menos subtil distinção, entre ele e o publico, de ignorante, espirito infectado nas revistas, atreito a grosserias e a pornograficos dejectos. Atirem-lhe a presa da imoralidade, — gritam — que ele a tomará nos colmilhos e se saciará á farta, inchado de contentamento, bocarra farta de satyriase... Oh! que mentira.

São seus versos, os de João de Deus, de Antonio Nobre, redondilhas de Camões; são de suas mãos, lanceoladas como pontas de estrelas as nossas catedrais e a beleza escrava do sonho de todas as ogivas goticas; foi nas cruzadas a Jerusalem e voltou santo; foi livre e falou português timpanico e forte, quando as *élites* ancestrais dos das *tôrres de marfim* engulhava estrangeirismos; foi Fernão Lopes e andou na Alcaçova combatendo castelhanos; foi á India e lá ficou com Camões, debruçados ambos sobre o mesmo livro; entrou no paço, com Gil Vicente, rindo, ao som do adufe... E mais tarde, glorificou D. João da Camara no *D. Afonso VI*, quando a camarilha dos inuteis e maldizentes o atassanhava de ironia; chorou com Marcelino de Mesquita; ovacionou anos depois o sr. Carlos Selvagem no *Entre giestas;* encheu o Nacional quando da *Zita*, apesar dos hierofantes da moralidade e do bom tom, num prolongado inquerito a darem por imoral; reprovou uma peça do sr. Vitoriano Braga e deu vida a outra, *A casaca encarnada;* duvidou da *Ribeyrinha*, e viveu e amou e sentiu os *Lobos*...

Quem fez a critica? O povo! Quem a escreveu? A critica!

* * *

Quando depois duma desoladora temporada nós esperavamos qualquer coisa de grande que resgata-se o teatro português, o que aparece? Uma peça? Não! Um manifesto. O que ele afirma é coisa de nada.

Dizem os signatarios do manifesto que a critica deve intervir com o seu conselho no teatro. Definam-no primeiro, respondo. Marquem as suas orientações, e então, dentre delas, veremos se realizam ou não, os seus fins. Aos senhores pertence criar; a nós rectificar.

Antes de mais nada, afirmam, a critica deve ser culta, inteligente. Ainda não foi preciso nesta epoca deitar abaixo a prateleira do teatro grego ou recorrer a Prozor, a Sarcey ou Bidou, para analizar os supreficialismos teatrais que têm aparecido.

A critica não tem destruido sistematicamente vôos de ensaio ou tentativas—se é possivel admitir tentativas em treatro, quando isso implica esforços monetarios das emprezas e afecta a probidade dos artistas, porque o seu valor depende do que interpretam—mas tem surgido e combatido os falsos dramaturgos, como se devem combater os falsos escritores e os falsos jornalistas. A par disto, muito elogio se tem feito, muita transigencia, muitas defezas. Para o teatro mau a critica deve ser violenta. Sou por aquela que é pelo publico, contra os autores.

A critica tem a inteligencia; o povo tem o instinto. Estas duas qualidades, juizo de Deus e juizo do homem, equilibrando-se, mantendo-se, guiando-se reciprocamente chegam a resultado severo e sincero.

As opiniões vagas, imparciais, são sempre desinteressadas. Wilde, afirma:—*a arte é uma paixão e em materia de arte o pensamento tinge-se de veemencia.*

Assim, sim, é que deve ser feita a critica. Que importa que ela seja ardente, desvairada, vibrante, se é nisso que reside a sua vitalidade e a sua ansia de perfeição!

Impensadamente disse-se numa limalha de palavras que nós criticos, pretendemos asfixiar o teatro português.

E' por o pretendermos libertar das nulidades, dos abortos, dos pseudos talentos que o submergem; é por querermos fazer uma seleção cuidada, mas violenta, dos valores que se apresentam; é por desejarmos uma manhã mais larga e mais clara de pensamento e de ideia; é por afirmarmos que a critica prepara as grandes épocas de beleza, e as depura e purifica de todas as gangas; é por gritarmos que o teatro está á mercê dos adventicios que a politica, os amigos ou as academias apoiam; é por sabermos que dentro dos bastidores ha talento-instinto e não talento-inteligencia para poeirar originais e traduções—que nós criticos, para bem do teatro português, não deixamos que ele se torne uma franco-maçonaria onde os maiores ajudem a viver os pequenos, no intuito comodo de terem palmas baratas e glorificações pomposas.

Artur Portela.

APOLO
TELEFONE N. 4129
Companhia JOSÉ RICARDO a que pertencem Eduardo Brazão, Maria Matos e Ilda Stichini
HOJE, Ultimas representações
BODAS DE OURO
SEXTA-FEIRA, 1 — Festa artistica de José Ricardo — A peça dos irmãos Quintero O Centenario
Bilhetes á venda

TEATRO SÃO LUIZ
Recita dos Bombeiros Voluntarios de Campo de Ourique «Cruz Branca»
A opereta
=A BONECA=
Depois de ámanhã — Recita extraordinaria — Unica representação da *Viuva Alegre* — Bilhetes desde já á venda
Brevemente — A mais colossal maravilha cinematografica: OS LOBOS, tragedia rustica em 8 partes, passada na Serra da Estrela e outros lugares do país.

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA — Tel. 3028 N.
Companhia REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE ás 21,30
ENTRE GIESTAS
PENULTIMA REPRESENTAÇAO
Depois de ámanhã — Recita de Ester Leão
A FILHA DE LAZARO

TEATRO S. CARLOS
DOMINGO, 3 de junho
Reaparição da Companhia LUCILIA SIMOES
Direcção artistica de Antonio Pinheiro
A peça de ruidoso sucesso
Uma Mulher sem Importancia
Brevemente — A RAJADA, de Bernstein
Bilhetes á venda durante o dia sem loeação — Fauteuils, 6$00; frizas e camarotes, 25$00 e 15$00

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.°— RUA AUGUSTA — 70, 2.°
TELEF. C 1196

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Na Amadora

A mulher de ontem não se via—adivinhava-se. A de hoje, segredo aberto a todos os entendimentos subtis, livrou o homem do terrivel quebra cabeças de acertar com a sua psicologia, ou em praticas de abusivo transporte, ou em meros soliloquios sentimentais. A mulher de hoje despiu o veu d'Iris que a recatava, e aparecendo em toda a parte —dá-se-nos em todos os seus gestos, em todas as suas palavras, em todas as suas atitudes. A Esfinge falou. Melhor, peor que a antiga? Tudo no mundo está sujeito á lei suprema da relatividade. Mixto de futilidade e grandeza dalma, a mulher de hoje dá-nos bem a vida de hoje—e é bem certo que as epocas se avaliam pelas mulheres. As epocas e as correntes literarias. O que é o romantismo senão o sonho platonico da mulher? O que é o realismo senão a sua posse, a sua posse total?

A que proposito vem isto? Vem sempre a proposito falar de mulheres — sexo fragil cada vez mais forte. Mas foi o espectaculo desta manhã que fez estas notas oportunas. No campo da Amadora, donde os aviadores partiram, direitos á vertigem cosmopolita de Paris, aos arrepios duma madrugada ainda lucilante de estrelas, as mulheres não faltaram.

Tinham gasto o seu dia em futilidades—as futilidades do costume: visitas ás amigas, compras, chá das cinco na «Bénard» ou na «Marques». Que importa?

Os aviadores iam partir—devia ser belo, mais belo que as suas preocupações habituais. E lá fôram. Tiveram olhos para ver os aviões largar—alma para os sentir bem no alto. Varrera-se-lhe do rosto a ultima camada de pó de arroz; dos labios o ultimo retoque de carmim. Eram quatro horas da madrugada, cantavam galos longe, e como se fosse inverno, fazia frio.

Alves Martins

Escrita á maquina

— Ensino perfeito, garantido —

Escola Moderna

Rocio

Arco Bandeira, 231

Lêr na 3.ª pagina

"A CRITICA E OS DRAMATURGOS"

POR

Artur Portela

CAMBIOS

DIA 29

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 11/32	2 19/64
» 90 dias	—	—
Paris	1$465	1$490
Berlim	0,35	0,45
Holanda	8$660	8$780
Madrid	3$990	4$062
Bruxelas	1$260	1$280
Roma	1$064	1$080
Suiça	3$990	4$050
Suecia	—	—
Noruega	—	—
Dinamarca	—	—
Nova-York	22$100	22$450
Brasil	—	—
Rio /Londres	5 7/16	—
Libra esterlina	105$000	110$000
Agio do ouro	2$200	2$300

AS NOSSAS COLONIAS

A OBRA DE NORTON DE MATOS NA PROVINCIA DE ANGOLA

Fala ao "Diario de Lisboa" o escritor Hipolito Raposo

O dr. Hipolito Raposo—escritor profundamente nacionalista a quem a politica fizera embarcar para Africa e que ontem regressou—fez ao jornalista algumas declarações interessantes—tanto mais interessantes quanto é certo que se trata dum espirito belamente equilibrado que diz o que sente, sem preocupações mesquinhas de politiquice.

Tratando-se duma pessoa que viveu em

Norton de Matos

Angola alguns meses e que, portanto, teve ocasião de observar o que se passa naquela provincia, surgiu naturalmente a pregunta:

—Qual tem sido a acção do Alto Comissario?

Hipolito Raposo respondeu logo francamente:

—Não posso esquecer o passado politico de Norton de Matos. Mas tambem não posso, visto que m'o pregunta, deixar de dizer que a sua obra como Alto Comissario tem sido qualquer coisa de interessante.

E definindo bem o antigo ministro da Guerra:

—Norton de Matos tem defeitos. Tem cometido erros, não há duvida. Mas o que não se pode negar é que é um trabalhador e um competente, e que, logo que lhe apontam qualquer erro o repara. E' um homem de boas intenções. E se mais não tem feito, é porque lhe falta um plano de conjunto e não tem talvez quem o auxilie na sua obra.

—No desempenho do seu cargo, tem feito politica partidaria?

—Nenhuma absolutamente. Pelo menos, que eu saiba. E bem vê: em Africa não há ocasião para lutas politicas. Não há lugares a conquistar, nem parlamento... Ali todos trabalham.

—Até os presos...

—E' verdade. Até os presos. E já que falámos nisso, uma nota interessante: foram encerradas as terriveis prisões da Cova da Onça e da Casa da Cal.

A modestia do autor ilustre da *Seara Nova* e da *Coimbra Doutora* não quiz dizê-lo. Mas o jornalista sabe que á sua acção se deve, em grande parte, esse encerramento.

—Já estou a ver o espanto de certas pessoas ante as minhas afirmações imparciais. Mas isso pouco me importa. Nos ultimos cincoenta anos, Angola teve três governadores: Eduardo Costa, Paiva Couceiro e Norton de Matos.

—A colonia está satisfeita com a obra do Alto Comissario?

—Está. E' claro que ha sempre alguns descontentes. Mas são poucos.

—Para os bons resultados da sua obra, o que deve ter contribuido?

—Em grande escala o poder pessoal. Se ele estivesse sugeito á engrenagem burocratica do Terreiro do Paço, nada podia fazer. E já agora deixe que lhe diga: apenas falei com Norton de Matos alguns minutos, em serviço de advocacia.

* * *

O dr. Hipolito Raposo vem encantado com a Africa portuguesa:

—Todos os portugueses deviam ir lá passar algum tempo. Sobretudo os que têm de governar. Ali, longe da metropole, aprende-se a amar melhor a nossa patria do que no continente. E como, vistos de lá, são mesquinhos quasi todos os homens que aqui são discutidos...

Loanda lembrava-lhe um pedaço do Alemtejo, um trecho de Portugal.

—Apenas os pretos...

—Olhe. De noite, até se vêm mais pretos em Lisboa do que lá...

—Tenciona publicar algum livro sobre Angola?

—Apenas de impressões. Um estudo consciencioso requeria muito mais tempo de permanencia naquela colonia.

* * *

De vez em quando, fala-se—na metropole—na existencia de tendencias separatistas em Angola. Quando lhe falámos nisso, o dr. Hipolito Raposo repeliu energicamente esses boatos:

—Em Angola ninguem pensa em separatismo. E demais, compreende: ha lá apenas 30 mil brancos, para 7 milhões de negros; isto num territorio 14 vezes maior que Portugal...

—Mas não ha qualquer reacção?

—Ha sim. Mas de protesto contra os erros do Terreiro do Paço. Compreende-se bem. Angola é uma provincia prospera. E tem a sua moeda desvalorisada, por causa dos erros e dos desmandos da metropole. Explica-se, pois, perfeitamente essa reacção...

E a entrevista terminou aqui.

O policia gatuno

Vai ser pedida a extradição do guarda Zacarias, auxiliar da 4.ª secção da policia de investigação, que, conforme noticiámos, se evadiu para Madrid, com a quantia de 10.000 escudos que eram destinados ao pagamento de ordenados aos agentes e guardas.

Estes já os receberam pelo cofre do conselho administrativo da policia.

O crime dos Prazeres

Foi hoje enviado ao 4.º juizo de investigação criminal, no tribunal da Boa Hora, Antonio Nunes Canha, autor do atentado de que foi vitima o industrial sr. Adolfo Viana, no cemiterio dos Prazeres.

O criminoso, depois de ser largamente interrogado pelo respetivo juiz, recolheu á cadeia do Limoeiro.

Pelos teatros

«A Filha de Lazaro»

Como temos dito, a gentilissima actriz Ester Leão realisa depois de ámanhã a sua festa artistica, no Teatro Politeama, com a peça rustica em 3 actos, A Filha de Lazaro, *original de Norberto Lopes e Chianca de Garcia. O papel de* Belisaria, *de que se encarregou, e que é a primeira figura feminina do drama, foi estudado pela talentosa actriz com muito carinho, havendo quem preveja uma revelação na maneira estilisada como ela o desempenha.*

Robles Monteiro, que tem ensaiado A Filha de Lazaro *com uma superior visão de arte teatral, encarregou-se de um papel que ficará, certamente, na sua já longa galeria artistica como uma autentica criação.*

A seu lado, Gil Ferreira, um dos mais interessantes temperamentos de artista, com Raul de Carvalho, Delmiro Rego e Guerra completam o elenco masculino de A Filha de Lazaro. *O segundo realisa com muita intenção um papel de galã rustico.*

Além dos nomes que citamos, tomam parte no desempenho as actrizes Constança Navarro, Julia Silva e Maria Mesquita.

A companhia que Amelia Rey-Colaço tão carinhosamente dirige ao lado de seu marido, com um criterio artistico tão seguro e duma visão de coisas de teatro tão perfeita, certamente cuidou a rigor a mise en scene *de uma peça que decorre num ambiente português e transmontano.*

Atrás do reposteiro

Do dramaturgo Vitoriano Braga recebemos a seguinte carta:

Meu caro Alvaro de Andrade:

E' absolutamente verdade ter sido o director da revista «De Teatro» quem me despediu da sua redacção. Tenho em meu poder a carta que o sr. Mario Duarte me escreveu e a copia da minha resposta, que não publico, não só por não estar autorizado pelo signatario, mas tambem movido por um sentimento de piedade cristã tanto para com ele como para comigo.

Teu amigo—(a) *Victoriano Braga.*

—E' definitivo que o actor-comico Joaquim Costa tomará parte no ultimo espectaculo da companhia Antonio Macedo, no Eden Teatro, no dia 5 de Junho, com a revista «De Capote e Lenço», fazendo a sua grande criação «O cabo Elisio».

—A «tournée» Rafael Marques-Luis Pinto, estreia-se em Faro, no dia 1 de Junho, fazendo ali o seu repertorio: «Mister Wu», «Os Velhos», «Amor de Perdição», «Barbeiro de Sevilha» e «D. Cesar de Bazan».

—O actor-empresario Estevam Amarante com Luisa Satanela vão fazer uma digressão pelo estrangeiro, depois do que inaugurarão a sua epoca no proximo inverno. Daquele artista recebemos um cartão de cumprimentos.

—Proseguem activamente as obras no teatro da Trindade, nas quais estão trabalhando 80 operarios. O palco está já renovado inteiramente, dirigindo os trabalhos o mestre-maquinista Henrique Martins.

—Obteve um grande exito no Aguia de Ouro, do Porto, a comedia «Arroz doce», de Rodrigues, Bermudes, Bastos e Roldão, dizendo «O Primeiro de Janeiro», acêrca do desempenho o seguinte: «O desempenho constitue uma das condições do magnifico exito que a peça obteve em scena, pois o conjunto é de todo harmonico e perfeito. Nascimento Fernandes, no tipo de fadista, dá largas á sua veia comica, interpretando o seu papel com graça impagavel e Alvaro de Almeida sublinhou com acentuado chiste o tipo comico que creou.»

—Partiu hoje para o Porto, de visita a sua familia, o actor Joaquim Prata.

—Ao contrario do que se tem suposto, a exploração da Sociedade Artistica do Teatro Nacional acusa um apreciavel saldo, o qual só será devidamente escriturado a favor dos antigos societarios depois de liquidados todos os compromissos da referida Sociedade, entre eles, o pagamento dos ordenados dos artistas escriturados e de mais pessoal da administração. Esta parte será devidamente tratada na assembleia do dia 31 do corrente.

—Foi adiada para sexta feira a recita do actor José Ricardo, no Apolo, com a peça «O Centenario».

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—A's 21—«A Boneca».
Politeama—A's 21,30—«Entre giestas».
Avenida—Ás 21—«Madalena arrependida».
Apolo—Ás 21—«Bodas de Ouro».
Eden-Teatro—A's 8,30 e 10,30—«O 31».
Coliseu dos Recreios—A's 21—«Box».
Gil Vicente—Não ha espectaculo.

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario)
Eden Cinema (Alcantara).

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

POR ARES E VENTOS

Os aviadores portugueses

vão a caminho da Sorbonne

COMO FOI A PARTIDA DOS AEROPLANOS DA AMADORA

A' hora que escrevemos—uma hora da tarde—os aviões, depois de os tripulantes terem tomado o seu chocolate em Madrid, vão a caminho de Bordeaux, onde está um almoço com brindes dentro dos copos, á laia de guardanapos em dia de baptisado. No campo estão dois aparelhos «mudos», que substituem os que fizeram a caminhada Lisboa-Madrid-Bordeaux.

Os aviões têm a seguinte «composição»: Num, o maior, descoberto, em três logares, como «três Marias» que se seguem, o aviador Poulin, ao volante, seguido do comandante Sacadura e do almirante Gago Coutinho. Os nossos aviadores têm na cabeça o classico passa-montanhas, e vão embrulhados em peles.

No outro o aviador Clavel, á direcção, e numa «limousine», onde vão algumas malas, estão o jornalista Rocha Junior, de dolman militar sem divisas, mas com um distintivo, e o mecanico francês.

O avião do jornalista conduz um lindo ramo de cravos—coisa preciosa de floricultura—no qual, em molhada cincoenta exemplares invulgares vão levar a alguem que está em Paris (certamente uma mulher) os cumprimentos de alguem que ficou em Portugal (certamente um homem).

E' nesta composição que os dois Latécoère chegam a Bordeaux, pouco mais ou menos á hora em que o tipografo estiver a tomar conta desta noticia. Escusado será dizer que o apetite dos tripulantes é desesperado, e que Rocha Junior, jornalista ponderado, que pela primeira vez tem que fazer jornalismo no ar, deve ter pensado numa cronica—daquelas que nunca se chegam a publicar—e que se chamará «Por ares e ventos...»

* * *

Mas o poder do mundo foi esta madrugada na Amadora, a começar pelas duas e meia. Foi para lá gente a pé, gente que não se deitou, ou se deitou depois de jantar. Automoveis ás centenas: gente de clubs, gente de aviação militar, gente das relações dos aviadores, e todo o jornalismo disponivel das madrugadas, que se deu ao milagre de fechar a ultima pagina ás 2 horas da manhã, deixando um piquete de sono ao telefone.

A Direcção Geral da Aeronautica de tarde de ontem resolvera isto: não deixar partir os aviadores. Nem mais nem menos. Que aquilo é militar, que os aviadores eram civis, que a Direcção Geral da Aeronautica não tinha sido solicitada, etc., isto em linguagem corrente e de oficio.

Certo tambem é que de tarde não foi possivel a mr. Latécoère fazer um vôo. O oficial de serviço rendeu homenagem a mr. Clavel, mas «não era possivel». Ordem escrita.

Escusado será dizer que tudo se resolveu ao começo da noite, com a grande boa vontade dos aviadores da Amadora, do seu ilustre comandante, o capitão Brito Pais Falcão, e da Aeronautica, e com as indicações superiores dos ministerios da Guerra e da Marinha.

Mas lá entrar o povo e os quinhentos automoveis — é que não. E ás 3 e meia da madrugada era ali á entrada do Parque, um alarido. Scena teatral ao lusco-fusco. Baionetas iam e vinham; os aparelhos, manchas negras no escasso luar, dormiam de capota caída, e na «messe» dos oficiais Gago Coutinho, Sacadura Cabral, Rocha Junior, Pontin e Clavel, de mistura com oficiais aviadores e com jornalistas, habilissimos na maneira de iludir as sentinelas — tomavam chá.

O sr. Barreto da Cruz representante do sr. Presidente da Republica, sentado esquecidamente a um lado, presenciava o serviço do chá, realisado impecavelmente por soldados da aviação, em uniforme de campanha.

— Temos muita honra, em nome da França, de ir pôr na capital do nosso país os dois grandes aviadores portugueses. Ficai certos, almirante e comandante, de que logo, ás seis da tarde, estamos a jantar em Paris.

E bebeu o seu chá verde.

Responde o almirante:

— Não estou nada ensaiado para estas cousas. Mas tambem lhe dizemos que temos muita honra em ser conduzidos por franceses até a Sorbonne. Não esquecemos que nós franceses e portugueses, tivemos na guerra as mesmas glorias.

E tambem bebeu o chásinho. (O Almirante entrou no chá e nos bolos ainda não tinha começado o repasto).

Enquanto isto se passava, á entrada o alarido continuava. O oficial de serviço disse aos jornalistas:

— Já vamos mandar entrar tudo. Estamos apenas a pôr vedetas e sentinelas onde é preciso. De uma vez não pode ser...

E com efeito, um quarto de hora depois o campo estava literalmente pejado de automoveis. Meio milhar. Um contingente grande de senhoras. Muitas mesmo, e lindos tipos, algumas das quais, á luz dos farois, mostravam o sacrificio que tinham feito de se levantar de noite ou de... não se terem deitado, por habito de perderem a noite.

Mas já é a hora. Começa a dealbar.

* * *

Os motores roncam. As ovações estrugem. A' roda do Latécoère, onde vai o nosso querido camarada, estão cêrca de cincoenta jornalistas: o *Diario de Noticias* e o *Diario de Lisboa* em peso, elementos de outros jornais e amigos pessoais.

Gago Coutinho e Sacadura são alvo de ovações. Vivas, lembranças do Atlantico. Ainda o rescaldo da travessia.

Dos aparelhos portugueses estão três Martinsydes e dois Breguets. Vão subir os aviadores militares.

Antonio Maia, ex-comandante da esquadrilha, e que pediu a demissão de comandante por causa de um incidente politico, apresenta-se deante do seu subordinado de ontem, o capitão Brito Pais, actual comandante, e pede:

—Dá-me licença, comandante?

—Ora essa. Podem partir.

Roncam os motores mais. A manhã é fria, cortante, ventosa, e vai aclarando como certos factos que sucedem na vida, e tem, tal qual sucede ao dia, a sua alvorada, o seu amanhecer, como hão de ter as suas nove horas em Madrid e as suas duas da tarde em Bordeaux.

O primeiro avião a descolar é o do jornalista, que vai fechado na *limousine*, e desaparecera primeiro do contacto dos jornalistas. Sobe lentamente, logo seguido do capitão Ribeiro da Fonseca e do capitão Santos Leite.

Ha um espaço de tempo maior. Segue-se logo o *Lécotoère* dos aviadores, entre aclamações, e depois de ter procurado pista levanta em direção norte, quasi ao mesmo tempo que o de Antonio Maia, um «monoplace», e que dá aos espectadores a impressão de que ia chocar com o aparelho francês, o que realmente podia ter sucedido porque o Lécotoère saiu um pouco atravessado.

Momentos depois levanta-se o capitão Sergio. Um quarto de horas depois — era manhã linda! — no ar azul nem uma nodoa. O desfile pela estrada de Lisboa era realmente interessante. Os *cabarets* dos arredores, á cunha, proporcionaram aos proprietarios um espectaculo importante de progresso e a contemplação real dos beneficios da aviação.

O almirante Gago Coutinho levou uma carta particular do sr. presidente da Republica para o sr. dr. Afonso Costa.

O selo comemorativo do «raid» Lisboa-Rio

O selo comemorativo rende 3.000 contos

para a aviação maritima

Entre os grandes factos comemorativos do *raid* Lisboa-Rio de Janeiro, avulta a emissão do selo, cujas colecções hoje foram postas á venda, e que solenisa tambem a visita do sr. dr. Antonio José d'Almeida ao povo brasileiro.

Cada colecção abrange desasseis selos de varias côres, vendo-se no meio, mas um pouco ao alto, os retratos de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, ao lado as datas imortais de 1500 e 1922.

Nos seus dois angulos superiores, as efigies dos srs. Epitacio Pessoa e Antonio José d'Almeida.

Por baixo dos dois avidores, vôa airoso e soberbo o *Fairey* vencedor e rasga as ondas uma caravela de velas enfunadas.

O Pão de Assucar e a Torre de Belem, sob os dois chefes de Estado, simbolisam as glorias de Portugal e Brasil. O nosso escudo assenta sobre uma faxa, na parte inferior.

Por esta simples e rapida descrição, advinha-se a belesa decorativa do selo.

Para o tornar mais querido á nossa fé patriotica, convem lembrar que os respectivos concessionarios cedem do produto da sua vneda 3.000 contos para a aviação maritima.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que tão heroicamente representam as virtudes da nossa raça, projectam o maior cometimento a que pode abalançar-se a aeronautica—uma viagem de avião em roda do globo.

Como homens que nada querem deixar ao acaso, andam estudando a melhor maneira de triunfarem, reduzindo ao minimo as probabilidades de insucesso.

A sua sciencia e a sua experiencia vão certamente assombrar o mundo.

Sabendo, porém, que as circunstancias financeiras do país não são desafogadas, tratam de evitar gastos com que o Tesouro não pode.

Os 3:000 contos da emissão do selo propõem-se eles empregá-los na acquisição de material de nautica aerea.

Reputamos, por isso, abençoado o dinheiro que o publico der pelas colecções.

Estas, ao mesmo tempo que comemoram um glorioso acontecimento da historia dos dois povos irmãos, servirão tambem para facilitar uma empresa que deve ser uma das maiores de todos os tempos.

Em terra portuguesa

SANTAREM, (pelo telefone) 11 horas.—Os dois aeroplanos conduzindo os aviadores passaram sobre Santarem ás 5 e meia, não a grande altura, elevando-se logo que deixaram o termo da cidade, tomando o caminho de Abrantes. Outros aviões, acompanhavam-os. Poucas pessoas estavam nas ruas, mas a cidade rejubilou com a noticia da passagem.

OS AVIADORES

chegaram a Madrid ás 8 e 37 e partiram para Bordeaux 2 horas depois

MADRID, 29, 11 e 5—Chegaram os aviadores portugueses ás 8 e 30, tendo feito o percurso Lisboa-Madrid em 4 horas menos 4 minutos—(C.).

MADRID, 29, 11 e 5—Os aviadores chegaram bem. O tempo estava frio e nublado. No aerodromo de Quatro Vientos estava o sr. Melo Barreto, todo o pessoal da Legação, o sr. Felix de Carvalho, consul, o presidente do Aero Club de Espanha, o sr. Herrera, director dos Serviços da Aviação Espanhola, e enorme multidão. Durante o percurso o almirante Gago Coutinho tirou notas. O jornalista português foi cumprimentado afectuosamente por grande numero de jornalistas espanhois. O pequeno almoço realisou-se no campo. A's 10 e 7 minutos os aviadores franceses tomaram o rumo de Bordeaux.—(C.).

MADRID, 29.—?—Os aviadores chegaram ás 8 e 45. No aerodromo estava todo o pessoal da Legação e Consulado. A guarnição espanhola de aviação formava no campo, com sua banda de musica. A multidão era grande, e o entusiasmo foi significativo. O comandante Sacadura foi o primeiro a saír, e ergueu, mal pôz o pé em terra, um *Viva á Espanha*. O pequeno almoço realizou-se num pavilhão do aerodromo, tendo sido erguidos brindes pelo chefe dos Serviços de Aviação, pelo sr. Melo Barreto e pelo almirante Coutinho. A's 10 e 10 partiram.—(R.)

Companhia de Navegação

LLOYD BRASILEIRO

Linha do Norte do Brasil

Para Pará, Maranhão, Ceará, Cabedelo e Natal, o paquete

MARANGUAPE

esperado em 7-8 de Junho. Recebendo passageiros de 1.ª e 3.ª classes.

Para passageiros e carga tratar com os agentes

PINTO & SOTTO MAYOR

SECÇAO MARITIMA

Rua do Ouro, 24, 2.º—Tel. C. 1227

Empregue na sua toilette

O CRÈME SIMON PARIS.

A qualidade dos seus elementos conserva á pele a sua frescura, a sua finura e o seu brilho. O seu perfume é delicado. 60 anos de sucesso.

PO de Arroz e SABONETE

A ACTIVA

RAMO COMERCIAL

Secção de aprestos maritimos

APRESTOS para armações, vapores de pesca, barcos de recreio e comercio

CABOS DE ARAME DE AÇO, MANILA, LINHO, PITA, CAIRO

LONAS de linho, COTÕES, BRINS, FILELE, bandeiras e mariatos

CORRENTES de ferro pretas e CALIBRADAS, Ancoras, Gatas e Fateixas Remos de fala e pinho, Alcatrão, Breu louro e preto, agua-raz, Coaltar, folhas de metal e prego para forro de navios, Archotes, Linhas para sondas e pesca em fibra e arame de aço

Encerados, Toldos, Barracas, Fatos, capas, suestes de cleado, Tintas para fundo de navios, alvaiades, vernizes, Tintas em massa e de esmalte marca NIPON, Motores maritimos e industriais WOLVERINE

R. 24 de Julho, 8--LISBOA

Telefones: C. 1601 e C. 3474

Telegramas: Activa-LISBOA

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Não comprem bombons, chocolates, cacaus e drops sem provarem os da

S. I. C.

Rua 24 de Julho, 48

Telefone, C. 651

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Aviso importante

Novo horario dos comboios

Previne-se o publico de que o primeiro comboio n.º 52 (rapido tri-semanal do Porto para Lisboa) efectua-se na segunda-feira, dia 4 de Junho e de que o primeiro comboio n.º 204 (rapido das Caldas da Rainha para Lisboa) efectua-se no sabado, dia 2 de Junho.

Lisboa, 28 de Maio de 1923.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio **Material para desenhadores**

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

Telefone C. 803 **SOUZA, MOURA & C.ª, L.da** End. Tel. «SOURA»

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CREDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAIS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS A ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇOES BANCARIAS

PRATAS A PESO

E JOIAS COM GARANTIA

Ourivesaria da Estefania 130, Rua Pascoal de Melo, 132

Os nossos Ex.mos fregueses e amigos encontram sempre na nossa casa um variado sortido em todo o genero de objectos de prata, ouro, joias e objectos em estojos. Compramos e recebemos em troca: ouro, pratas e joias a cobrir as melhores ofertas. Confrontem os nossos preços e obterão a certeza de que é na OURIVESARIA DA ESTEFANIA que se vende mais barato.

BOSA, GAMAS & MORAES

Limpe com

AMOR

os seus metais

DEPOSITARIO

CARLOS SANTOS

Rocio, 3, 3.º, LISBOA — Telef. 5172 N.

Dentes artificiais

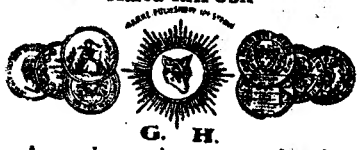
de origem alemã, importação directa, muito mais baratos, colocados e aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou consulta.

BERNARDINO NUNES

RUA DA PALMA, 40, 1.º

TINTA ALEMA PARA TINGIR

Marca RAPOSA



G. H.

A venda nas boas drogarias de todo o paiz.

DEPOSITARIOS GERAES EM LISBOA:

Schröeter & C.ª

R. S. Julião, 5, 1.º Tel. C. 552

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

DIRECÇAO DO SUL E SUESTE

SERVIÇO DOS ARMAZENS GERAIS

Concurso para a adjudicação da compra de 50.000 travessas de pinho em branco

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 16 do proximo mês de Junho pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha-de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 50:000 travessas de pinho em branco divididas em 5 lotes de 10:000 travessas cada um.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 2.050$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 30 centavos, devidamente inutilizado.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para perfazer 5 por cento da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um deposito definitivo, que ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral de Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio.

Com a proposta será entregue uma amostra não inferior a um litro.

Lisboa, 14 de Maio de 1923.

O ENGENHEIRO CHEFE DO SERVIÇO DE ARMAZENS GERAIS
(a) F. io Terenas

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

AVISO

Horário dos combóios

Previne-se o publico de que, por motivo dos trabalhos de transformação do pavimento da via a que se está procedendo dentro da estação de Lisboa-Rocio e que não deverão prolongar-se alem do mês de Junho próximo, os combóios descendentes poderão algumas vezes ter ligeiros atrazos na chegada a Lisboa-Rocio por terem de aguardar em Campolide a oportunidade para entrarem na gare do Rocio.

Lisboa, 26 de Maio de 1923.

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Ferreira de Mesquita

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

AVISO AO PUBLICO

Venda de impressos antigos

Faz-se publico que, no dia 31 do corrente pelas 12 horas e no edificio desta direcção (rua de S. Mamede ao Caldas, 63), proceder-se-ha á venda em hasta publica, de uma porção de impressos antigos, que podem ser utilizados para embrulho, com o peso aproximado de 1500 quilogramas.

Estes impressos podem ser verificados no Serviço do Trafego, todos os dias uteis das 11 ás 17 horas.

A arrematação será a quem maior lanço oferecer sobre a base de licitação de $60 por cada quilograma, devendo os impressos ser retirados no praso de 3 dias após a sua venda.

Lisboa, 25 de Maio de 1923.

O Engenheiro Director
(a) *Plinio Silva*

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DA IRLANDA

DE VALERA

E O ABANDONO DO COMBATE

contra o Estado Livre

DUBLIN, 29.

O abandono definitivo da luta armada contra o Estado Livre da Irlanda por parte dos rebeldes está consignado em varios documentos apreendidos e que foram publicados pelo governo. Sob a data de 24 de maio, Valera dirigindo-se a todos os seus partidarios como presidente da republica dizia-lhes n'uma ordem do dia:

«Soldados da liberdade: Legionarios da retaguarda! A republica não pode ser por mais tempo defendida com sucesso pela força das armas. Mais sacrificados da vossa parte seriam em vão e a continuação da luta contraria aos interesses da nação. Temos que confessar que a vitoria militar por agora pertence aos que esmagaram a republica. Deve-se procurar outros meios para salvaguardar os direitos da nação. Não se deixem dominar pelo desanimo porque os vossos esforços e os sacrificios de todos, assim como os mortos pela nossa causa, hão de certamente legar um exemplo para o futuro que ha de dar os seus frutos. Salvamos a honra da nação e mantivemos aberto o caminho para a independencia. Depôr as armas é agora um acto de patriotismo exaltado e puro como o tomá-las foi uma demonstração de valor afirmado numa luta exhaustiva.

Os vossos sacrificios e os vossos sofrimentos foram enormes. Se a população vos não apoiou foi porque todos estavam cançados necessitando absoluto repouso. Depois da população repousar os seus abalados nervos de novo ela se reunirá sob a nossa bandeira. O povo irlandês bm breve descobrirá quem foi egoista e quem foi altruista quem lhe mentiu e quem lhe falou a verdade. Os sacrificios que os soldados da liberdade terão que sofrer quando depuserem as armas deverão ser suportados de uma maneira digna de soldados tão vigorosos e capazes de darem a vida por uma alta causa. O que os soldados da liberdade tiveram que sofrer mantê-los-ha em comunicação com os nossos mortos que tão valentemente deram a vida pela Irlanda. Que Deus os proteja a todos e que em todos os tempos calamitosos dê á Irlanda filhos que lhe queiram tão entranhadamente como vós».

Frank Aitken

dá ordem para se depor as armas

Simultaneamente Frank Aitken chefe do estado maior das forças republicanas deu ordem a todas as forças para depor as armas visto que os inimigos estrangeiros e internos da republica tinham por agora adquirido superioridade embora não tivessem ganho a partida.

«Nós pegamos em armas para libertar o nosso país e vamo-nos manter álerta até encontrar-mos um caminho honesto para conseguirmos o nosso objectivo».

NO RUHR

UMA REVOLUÇÃO COMUNISTA

COM O ASSENTIMENTO do governo alemão?

A questão do Ruhr assumiu o seu mais grave aspeto. Sucedem-se as pertubações, na região. E os comunistas afirmam que a sua *Republica Obreira* estará organisada antes de tres meses.

A verdade é que o que se está passando no Ruhr não se pode interpretar como simples tumultos locais. Percebe-se o desenvolvimento dum plano forte e ambicioso, cujas directivas veem evidentemente de Moscou.

O partido comunista alemão gasta quantias enormes com a propaganda. Neste momento, até, — a dar-mos credito a informações que parecem fundamentadas — os comunistas utilisam um credito de milhões de francos suissos — e dele se servem para instalar por toda a parte, livrarias: fontes de literatura bolchevista.

Este dinheiro é suisso—mas veiu de Moscou para ser suisso.

Como e porquê, o governo alemão — que se orgulha de fiscalisar a circulação das divisas estrangeiras, no seu territorio—não põe embargo aos subsidios de Moscou?

Estes acontecimentos não são inexplicaveis. Tudo leva a crêr que o governo do Reich, depois de ter depreciado *kolosalmente* a sua moeda, e depois de assim ter exposto o seu país ás mais graves convulsões sociais, se resigna de muito boa vontade a que o incendio comece na bacia do Ruhr, não longe da Inglaterra. Os dirigentes alemães pensam talvez, que o espectaculo das *centurias comunistas*, das bandeiras vermelhas e da *Republica Obreira*, vae aterrorisar o conservador governo inglês.

Tomada de panico, a Inglaterra exerceria uma pressão sobre os franceses, para que estes concedessem abatimentos á Alemanha.

As proximas propostas do Reich encontrariam pois, em Londres, um terreno propicio — um terreno preparado pelas más novas do Ruhr.

A imprensa francesa que analisa detidamente a agitação comunista no Ruhr, revolta-se unanimemente contra a inercia do Reich. E afirma:

«— Ninguem tem o direito de alimentar um incendio em sua casa.»

EM PARIS

UM MILHÃO DE TULIPAS

NO JARDIM DAS TULHERIAS

oferecidos pelos jardineiros holandeses

Não se trata dum milhão de francos, mas dum milhão de tulipas que a Holanda ofereceu á cidade de Paris.

Nos primeiros dias de primavera as Tulherias estavam em festa — Os jardineiros holandeses tiveram um cuidado especial na escolha dos *specimen* a enviar — Viam-se tulipas de formas e cores as mais variadas, mas distribuidas com esta sciencia da combinação de côres que todos notemos em Paris nas *toilettes* das mulheres, no arranjo duma montra, ou no guarda-roupa duma revista. Paris inteiro falava das tulipas das Tulherias e até os estudantes que raras vezes atravessam o Sena, abandonaram o Jardim do Luxemburgo e iam em bandos, depois duma aula de finanças ou de economia politica contemplar o admiravel espectaculo.

Paris elege de vez em quando um idolo que pode ser um artista, uma peça de teatro, uma ideia filosofica... Desta vez as Tulherias foram o idolo de Paris, durante uns 15 dias.

O sol, que nem sempre é creador, escondeu-se por algum tempo para aparecer depois com uma força abrazadora.

Mas o idolo desapareceu...

As *midinettes* já se não escapam á hora do almoço para irem ver as tulipas enviadas *par les gentils hollandais*; os senhores deputados já não alargam o seu passeio, quando deixam a camara; os professores da Sorbonne já não chegam mais tarde ás aulas, voltando a ser pontuais e compridores dos seus deveres; Anatole France passou a dirigir noutro sentido o seu passeio matinal, e os estudantes já não são infieis ao belo jardim de Luxemburgo.

As tulipas murcharam; restam apenas uma folhas mortas e sêcas caidas no chão.

Irene de Vasconcellos

DE LONDRES

A POLITICA CONSERVADORA

E A ELEIÇAO

do novo "leader" do partido

LONDRES, 29

Na reunião magna do partido conservador o sr. Stanley Baldwin foi por unanimidade e com grande entusiasmo eleito «leader» do partido em substituição do sr. Bonar Law. Os conservadores aprovaram primeiro a proposta de lord Derby exprimindo o seu profundo desgosto pela retirada de Bonar Law. Lord Curzon e lord Derby fizeram eloquentes discursos elogiando o ex-primeiro ministro. Lord Curzon disse que ele era um chefe de que todos se podiam ufanar e lamentou o facto de que a sua resignação tivesse que ser feita sem que ele tivesse podido dar as suas provas e sobretudo pelo motivo que foi: duma doença pertinaz e grave. Acrescentou que nunca nenhum primeiro ministro tinha abandonado o seu alto cargo no meio de sentimentos tão gerais de estima e de afeição tanto na Inglaterra como no estrangeiro. Lord Curzon então propôs a eleição do sr. Stanley Baldwin como «leader» do partido referindo-se ás eminentes qualidades e ao belo caracter do novo primeiro ministro e solicitando ao partido que desse ao sr. Baldwin o seu apoio firme e resoluto, para mostrar a todo o mundo que a Grã Bretanha tinha um forte partido conservador capaz de olhar de face os problemas novos que é necessario tratar.

Depois da proposta ser aceite por unanimidade o sr. Baldwin apresentou os seus agradecimentos ao partido, dizendo que o partido conservador atravessava um dos mais altos momentos da sua historia em absoluta e completa união e que estava convencido de que a união total do partido teria logar numa data não muito distante. Acrescentou que o novo governo seguiria as pisadas de Bonar Law e que aderiria aos ditames de Disraeli, Um desses ditames era que não podia abandonar o estudo constante do problema do bem estar das classes operarias e agricolas. Outro era o desenvolvimento e unificação do imperio. Necessario se torna tambem conseguir a reorganisação economica da Europa para que termine na Inglaterra a crise dos desempregados. Disse mais que tinha oferecido ao sr. Jakenna um logar no gabinete, devido á apreciação que tem pelo seu genio financeiro e que este politico faria sacrificios pessoais para trabalhar proficuamente pelo seu país.

VACINAS e SÓROS

DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA

Bacterina de Neisser
» » Estafilococcica
» » Antimeningococcica
» » Acné
» » Estafilo-estreptococcica
» » Coli
» » Pyorrhéa, etc.

Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas

SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

COUPONS

da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA, BRAZILEIROS, ARGENTINOS, CHILENOS, etc., etc.
VENCIDOS E A VENCER
COMPRA
PANCADA, MORAES & C.ª — R. Augusta, 37 (esquina R. S. Julião)

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

NO TRIBUNAL DE MARINHA

E' julgado UM OFICIAL DA ARMADA

por ter agredido um seu colega de patente superior

Tribunal da Armada. A audiencia abriu ás 12 horas. Presidiu o capitão de mar e guerra sr. Peres Albano Morais de Carvalho; auditor o sr. dr. Teixeira de Sampaio; promotor o capitão de fragata sr. Vital da Cunha Freitas e defensor oficioso capitão tenente sr. Pinheiro Silvano.

O capitão tenente sr. Mesquita Guimarães é acusado de ter ofendido corporalmente o capitão de fragata sr. Alberto de Carvalho.

Depõem as testemunhas de acusação capitães tenentes Victor de Assis Duarte Ferreira, D. Carlos de Sousa Coutinho e Alvaro de Almeida, que pouco adiantam.

Testemunhas de defeza: o cspitão de fragata sr. Joaquim Alberto de Oliveira, declara que estando no Rocio, com um grupo de oficiais, viu o sr. Mesquita Guimarães aproximar-se e cumprimentar todos os presentes, entre eles o queixoso.

O capitão-tenente sr. Eduardo Lourenço Soares confirma o depoimento anterior e acrescenta que viu o sr. Mesquita a conversar durante alguns minutos com o queixoso e se retirou em seguida. Momentos depois viu o sr. Carvalho correr sôbre ele e descarregar-lhe uma bengalada nas costas.

—O reu, a quando do conflito, disse-me: «Ha pouco estendi-lhe a mão por engano... Se soubesse quem o senhor era não lha tinha estendido.

Continuando:

Uma vez, estando eu na camara do navio, ouvi o reu dizer ao criado que o comandante me devia fazer uma sindicancia.

* * *

Os debates: O sr. promotor, depois de historiar os factos de que o réu é acusado, afirma que sôbre ele pendem dois factos de insubordinação. Trata-se dum oficial distinto, entre os mais distintos e que na armada conta muitas simpatias. O acto do sr. Guimarães não fere o seu caracter mas as leis e a disciplina militar. Eu sou obrigado pelo regulamento a pedir a aplicação da lei.

Depois do discurso do defensor foi lida a sentença que absolveu o sr. Mesquita Guimarães.

Os nossos aviadores chegaram a Bordeaux

ás 3 horas da tarde

BORDEAUX, 29

A's 3 horas em ponto chegaram os dois aviões franceses conduzindo os aviadores portugueses. Viagem sem incidente. Eram esperados pelo «maire» e pelo elemento oficial, tendo á frente o general Merein.

A saída de Bordeus

BORDEAUX, 29 — Os dois aeroplanos «Latecoère» levantaram vôo em direcção a Paris.

A's 15 e 45 minutos. Durante a manobra ficou ferido um sargento aviador francês.

POLITEAMA HOJE
GRANDE SUCESSO
Entre Giestas

SCENA TRAGICA DE CIUMES

UM HOMEM MATA A NAVALHADA

uma rapariga de 18 anos

O ciume fez mais uma vez das suas, ao começo da manhã de hoje.

Uma rapariga joven e bonita—dezoito anos, cabelos louros, olhos claros cheios de esperanças—foi ferida em pleno coração pela navalha cruel dum amante desvairado.

A scena desenrolou-se em Sacavem de Cima. Eram 10 horas da manhã quando a infeliz Carolina Rosa Delgado caíu numa valeta de azinhaga, varada por uma lamina, que pretendia vingar afrontas de amor traído. O assassino, Bernardino José da Costa, 33 anos, descarregador de peixe, fugiu quando viu por terra a sua vitima. Perseguido, conseguiu escapar-se. Mas pouco tempo depois, o remorso mandava mais que o seu rancor, e foi entregar-se á prisão no posto dos Olivaes.

* * *

Em Sacavem, quando o jornalista chegou, o mulherio discutia o crime com grande copia de comentarios nem sempre imparciais.

As mulheres afirmavam que a vitima era leviana. Os homens contentaram-se em dizer que ela era linda e faziam a sua defeza.

Uma visinha da Carolina, protestara com certa indignação contra as apreciações de alguns dos presentes. E garantiu:

— Eu é que conheço bem a vida deles. Escusam de estar para aí a contar disparates...

— Diga-nos então o que se passou, tiasinha.

— A Carolina e o Bernardino viveram juntos três meses. Mas ela não gostava dele e ha coisa dum mês deixou-o. Diz-se até que ela lhe tinha feito varias «partidas» durante o tempo que estiveram juntos. O Bernardino que era doido pela Carolina, não se conformou com o seu abandono. Começou a ameaça-la. Ela não se importava com isso, o que queria era gosar. Até que hoje ele a esperou e deu cabo dela.

* * *

Ha dias, o Bernardino comprára uma navalha de grandes dimensões. Encontrou um amigo com quem desabafou:

—Fazerem pouco de mim! Isso é que não!

E, como o outro lhe pedisse para guardar a faca, terminou, com um olhar de odio:

—Esta hade ser para ela! Ninguem a livra!

No domingo, encontrando-a numa barraca, metida com uns feirantes, socou a e atirou-lhe uma facada de que ela dificilmente se livrou.

Hoje, seriam umas dez horas, quando a Carolina Rosa descia a Estrada de Sacavem, o Bernardino que se encontrava atraz dum muro, aproximou-se dela dum salto e cravou-lhe a faca no pescoço.

A pobre rapariga tinha sido avisada de que o antigo amante a queria esperar e ferir. Mas seguira confiada, por lhe dizerem que não o tinham visto.

Quando se sentiu ferida, gritou e correu pela ladeira abaixo.

O Bernardino, com os olhos vermelhos, os instintos a ferverem-lhe no sangue, perseguiu-a. E, junto duma valeta, cravou-lhe a faca no coração.

Um sargento da guarda republicana, que presenceou a scena a alguns metros de distancia, correu em perseguição do criminoso. Como, porém, é já de idade e o Bernardino tem mais agilidade, disparou contra ele dois tiros que não o atingiram.

O assassino, depois de saltar muros e barrancos, talvez com o remorso a roer-lhe as entranhas, foi entregar-se á prisão no posto policial dos Olivais.

— Por sinal que — elucida um vizinho — foi estrear o calabouço novo...

Entretanto, o corpo da Carolina era conduzido para a Morgue, entre as lagrimas das amigas que, embora censurando a sua leviandade, arranjam razões para a desculpar:

— Coitada! Mal empregada tambem num homem daqueles! Se ele fôsse inteligente, nem pensava nunca nela. Querer obrigar a rapariga a gostar dele!...

* * *

O repugnante crime provocou uma grande indignação no sitio onde o assassino conta gerais antipatias.

Um banquete

Na «Garrett» ofereceram ontem um banquete aos seus amigos intimos e á imprensa os distintos cavaleiros João Branco Nuncio e Antonio Luiz Lopes que recentemente e com tanto brilho tomaram a alternativa.

O jantar decorreu muito animado, brindando ao *toast* os srs. Maximo Alcobia, Guilherme de Brito, Manuel Rodrigues (El Rodriguito), Carlos Abreu, Benjamim Rego, Ivo de Monforte, José Malheiro, Silva Passos, Felix Correia e Antonio Luiz Lopes que agradeceu, em seu nome e no de João Nuncio as referencias elogiosas que todos lhes fizeram.

PRAÇAS DA ARMADA

Vai ser publicado um decreto regulando o abono da ração em generos, ás praças da armada.

PROVINCIA DE ANGOLA

O Alto Comissario em Angola requisitou o capitão de fragata, sr. Alberto Apra, para exercer as funções de intendente na Baia dos Tigres, e o segundo tenente, sr. Mendonça Quintanilha, para uma das novas capitanias daquela provincia.

Joalharia Lory Joias de alta novidade. Oficinas proprias, encomendas e concertos. Compra brilhantes pelo maximo valor actual.—Rocio, 40, tel. N. 3.483.

Antonio Austrégesilo

e a conferencia de ámanhã

O notavel neurologista professor dr. Antonio Austregésilo, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, faz ámanhã á noite, na Sociedade de Sciencias Medicas, da qual é socio correspondente, a sua ultima conferencia, subordinado ao têma *Vagotonia gripal.*

Entre a colonia brasileira e entre o meio medico reina a maior anciedade por ouvir mais uma vez a palavra fluente do ilustre professor e grande orador.

Director da Policia de Investigação

Ao contrario do que dizem alguns jornais, não é verdade que o sr. dr. Paulo Menano tivesse pedido a sua demissão do logar de director da Policia de Investigação Criminal.

A marinha mercante

Na noticia de hontem relativa á aplicação da frota dos T. M. E. disse-se, no texto, que que quem falára com o nosso redactor era o oficial sr. Pereira. Foi «gralha». Como se vê pelo titulo, era, o comandante Dionisio.

Doenças da boca e dos maxilares
Extracção de dentes e raizes com anestesia — Dentes artificiais
Em consulta especial para as classes menos abastadas e a preços de policlinica ás 10 horas no
Consultorio do Dr. Ferreira Pires
R. Jardim do Regedor, 51, 1.º

A TARDE PARLAMENTAR

O acordo COMERCIAL COM O BRASIL

Uma interpelação ao ministro dos Estrangeiros

Na presidencia o sr. Sousa Rosa. Chamada ás 15,20. Presentes 38 deputados.

A's 16.10 terminam as leituras do estilo. Fala em primeiro logar o sr. Leote do Rego. Congratula-se com o facto do governo francês se ter associado ao convite feito aos aviadores portugueses. Depois, passando ao sucesso dos pavilhões portugueses no Rio de Janeiro, dirige as suas saudações á colonia portuguesa no Brazil, e defende a conveniencia de se levar a termo rapido o inquerito aos escandalos com a representação de Portugal na exposição da capital do Brazil. Presta ainda as suas homenagens a esta grande Republica, e alude aos nossos interesses coloniais, preconisando a necessidade de se atenderem as reclamações vindas do ultramar para o governo central. Termina manifestando os seus votos pelo regresso á Camara dos deputados nacionalistas.

* * *

O sr. Cancela de Abreu pregunta á mesa o motivo da ausencia do sr. ministro das Colonias, dando explicações sobre o caso o sr. ministro dos Estrangeiros que afirma encontrar-se ainda doente da garganta não podendo falar o sr. Rodrigues Gaspar.

O sr. Cancela de Abreu espirituoso:

—Não pode haver ministros mudos, sr. presidente.

A Camara ri.

* * *

O sr. Lino Neto defende, mais uma vêz, as reclamações dos catolicos no sentido de que se discuta a lei da separação do Estado das Igrejas. A proposito insurge-se contra uma circular com que o governador civil de Braga abriu um inquerito para saber quem foram os regedores do seu distrito que assinaram representações favoraveis ao ensino religioso.

Responde-lhe o sr. presidente do ministerio, dizendo que o Estado tem uma lei de separação que hade ser respeitada. E, assim sendo—acrescenta—as autoridades não podem imiscuir-se em assuntos religiosos.

O sr. Julio de Abreu reclama contra o encerramento do apeadeiro de Carvalhal, entre Pocinho e Miranda, respondendo-lhe o sr. ministro do Comercio, que vai providenciar.

O sr. Paiva Gomes ocupa-se do projectado convenio comercial com o Brasil, dizendo que ele é dificil de realização, sendo portanto indispensavel detalhado estudo sobre o caso.

O sr. ministro dos Estrangeiros declara que existem negociações para uma convenção aduaneira com o Brasil, no praso de um ano, para isenção de direitos para carnes congeladas, 50 por cento de redução para vinhos, cortiças e conservas, assucar algodão e couros, e 25 por cento para aguardentes, vinhos, etc. Porém, essa convenção, assim esboçada, não será posta em vigôr sem a previa sanção parlamentar.

O sr. Paiva Gomes não acha que estes esclarecimentos sejam tranquilisadores para as colonias, mas o sr. ministro dos Estrangeiros volta a afirmar que não ha rasões para alarmes, pois haverá reciprocas vantagens. As negociações — explica — foram iniciadas quando da viagem presidencial ao Brasil e devem proseguir em breve, não devendo fechar-se sem que o Parlamento sobre elas se pronuncie.

O conselho de ministros de hoje

O conselho de ministros reuniu-se hoje na secretaria das Colonias, tratando de assuntos de administração publica. Não compareceram o sr. ministro da Justiça, por motivo de doença, e o sr. ministro da Guerra, por ter de assistir á mesma hora a uns exercicios no Campo Entrincheirado, a que tambem foi o sr. ministro da Instrução, pouco antes de acabar o conselho.